

## ENTREVISTA

LUIZ ARTUR FERRARETTO & NAIR PRATA

*por Felipe Parra e Luciano Victor Barros Maluly*



FOTO de Luiz Artur Ferraretto | Fonte: GOMES, 2015



FOTO de Nair Prata | Fonte: PINHEIRO, 2013.

### **Rádios livres e web rádios**

As perspectivas teóricas de Luiz Artur Ferraretto e Nair Prata sobre a linguagem radiofônica na contemporaneidade

As trajetórias de Luiz Artur Ferraretto e Nair Prata são marcadas pelas pesquisas aplicadas em mídia sonora, entre elas, as dinâmicas comunicacionais do rádio e suas complexidades contemporâneas. Com base nessa premissa, esta entrevista visa coletar o depoimento dos pesquisadores sobre as rádios livres, as multifaces do rádio online, os podcasts e as web rádios<sup>1</sup>.

---

1. Ao pesquisar vários estudos sobre o tema, nota-se que a palavra web rádio varia de grafia. Webradio (PRATA, 2008), webrádios (KUHN, 2005) e web radios (KISCHINHEVSKY, 2010) são alguns exemplos de diferentes nomenclaturas utilizadas. Entretanto, percebe-se que os conceitos convergem para um mesmo sentido: uma rádio que realiza transmissão de conteúdos sonoros pelo ciberespaço. Neste estudo utiliza-se o termo web rádio para se referir às emissoras que difundem a linguagem radiofônica pela rede mundial de computadores.

Em outras palavras, busca-se observar as relações entre o conceito de rádios livres e web rádios, no intuito de atualizar as possibilidades teóricas acerca da temática. As entrevistas foram realizadas nos dias 30 e 31 de março de 2020. Buscou-se resgatar e/ou revelar nuances sobre a temática por meio de perguntas semiestruturadas (TORRES, 2006, p. 257). Tal atividade integra o estudo intitulado *Rádios livres sorocabanas: 40 anos depois*, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). A edição foi realizada por Luciano Victor Barros Maluly, orientador da tese e docente do programa.

**Felipe Parra:** Ao pensar sobre os conceitos de web rádio, nota-se que diversos pesquisadores elaboram ideias diferentes acerca do tema. Fernando Kuhn (2005) utiliza o termo *webrádios* (*netrádio*) para emissoras convencionais de rádio com transmissão via internet e, no caso, virtuais (*webcasters* ou ainda *Internet-only*) para estações com existência apenas na internet. Já Luiz Fernando Santoro (2018) enfatiza que o conceito de rádio no ciberespaço é mais a utilização da linguagem radiofônica do que os formatos de difusão da mensagem. Diante disso, quais são os critérios para se identificar uma web rádio?

**Luiz Artur Ferraretto:** Acredito que a melhor expressão seja rádio online. E divido em algumas categorias, sabendo que, no futuro, a maioria delas será definida apenas pela palavra "rádio". Assim, existe: (1) a *rádio na web*, ou seja, a emissora tradicionalmente hertziana que passou a transmitir também via internet; (2) a *web rádio*, exclusivamente da internet; e (3) o *podcast*, o arquivo em

linguagem radiofônica produzido para escuta no momento em que o ouvinte desejar. Acho importante fazer uma diferenciação. Pelo uso, *podcast* passou a designar qualquer arquivo que se identifique com o radiofônico, embora o *podcasting* – como processo – refira-se apenas ao que é acessível por meio de agregadores associados a *feeds* e inclua, em suas origens, não necessariamente apenas arquivos sonoros. Há muito tempo, inspirado em [Mariano] Cebrián Herreros [*falecido pesquisador espanhol*], defendo uma visão mais ampla do que seja rádio. De início, a inclusão como rádio dos arquivos de programas disponibilizados via internet não era aceita por todos. Lembro que os professores Marcelo Kischinhevsky e Nélia Del Bianco tinham também perspectiva idêntica à minha. O

professor Eduardo Meditsch, da Universidade Federal de Santa Catarina, havia defendido em um texto que, para ser rádio, emissão e recepção deveriam ser simultâneas. Na realidade, foi algo muito curioso. Ninguém tinha debatido ou confrontado ideias sobre o conceito de rádio. Na realidade, nem sei se chegou a haver propriamente uma discordância. Citado, o Eduardo manifestou-se dizendo que não pensava mais daquela maneira e que era preciso ver o rádio como "provavelmente uma linguagem". Anos depois, inspirando-se em algumas definições do jornalismo como instituição social, novo texto do Eduardo definia, com enorme precisão, o rádio da contemporaneidade. É uma instituição social construída culturalmente e que possui uma linguagem comunicacional específica. Como complemento, creio que seja importante citar também a descrição do rádio, feita por Marcelo Kischinhevsky, como uma forma de comunicação expandida a transbordar para além dos seus limites sonoros tradicionais. E esse transbordamento se dá até mesmo na função exercida pelos profissionais do rádio atualmente. O profissional hoje é multiplataforma,

multimidiático. Na minha perspectiva, pode parecer simplista, mas rádio é rádio. Não interessa a forma de transmissão. Rádio é rádio em AM, FM, web ou podcast (desde que o podcast tenha linguagem aproximada da radiofônica). É preciso também considerar as zonas de sombra. Por exemplo: um documentário pode ser jornalístico ou cinematográfico.

O documentário *Democracia em vertigem* [da cineasta Petra Costa] não é jornalístico. Essa é uma zona de sombra. E não tem como separar essas zonas devido ao contexto de mosaico, de diluição, de redefinição e hibridização de fronteiras. Se antes você estava na beira de um rio, onde é mais fácil enxergar as margens, hoje está à beira do mar, onde as ondas vão e voltam a todo momento, mudando o limite entre o que é areia e água. Portanto, web é apenas mais uma forma de transmissão.

Acrescento a essa ideia o fato das web rádios, as exclusivamente assim, não terem se consolidado economicamente. Nesse momento específico da história, vejo mais possibilidades de consolidação em termos de podcast do que de web rádio. Tenho essa noção,

pois pesquiso rádio comercial e, nessa categoria, é necessário ter faturamento, obter lucro.

**Nair Prata:** Rádio permanece sendo informação sonora. O elemento fundante e definidor do rádio é e sempre será o som, não importa se a tecnologia para emissão é analógica ou digital. Se até a virada do século 20 para o século 21 o rádio era informação sonora, invisível e em tempo real, hoje ele se amalgamou às novas plataformas comunicativas e transmite também por narrativas textuais e imagéticas. O rádio também se complexificou, tornou-se multifacético e superou as características do tempo real e da linearidade, passando a emitir de forma diacrônica. Como está apontado em Martinez-Costa e Prata (2017), o modelo convergente e digital de comunicação radiofônica é caracterizado pelas seguintes palavras-chave: comunidade; personalização; ativo; distribuidor / produtor; horizontal; não linear / diacrônico; fragmentação; engajamento; expandido; multimídia; aberto; experimental.

**Felipe Parra:** Como os conceitos de rádios livres se configuram em um mundo pautado pelas tecnologias emergentes?

**Luiz Artur Ferraretto:** Eu nunca tinha pensado nisso. E como disse, quase sempre, trabalhei muito com rádio comercial. Estudei pouco rádios livres, piratas e comunitárias. Como pesquisador e professor, tenho conhecimento sobre essas formas de se fazer rádio. Tenho alguns livros sobre as rádios piratas britânicas que funcionavam em barcos. É um assunto que sempre me encantou. Eu acho que a ideia de rádio livre como elemento para se fazer a reforma agrária no ar não está mais presente com toda essa força no rádio comunitário legalizado. Digo isso porque vejo um fenômeno de rádio político e religioso nessa área que se distancia do conceito original que estava ligado a uma organização horizontal e dialógica da emissora. Outro problema é sobre a criação de áudio. A meu ver, rádio livre é fazer o que eu quiser, inventar coisas para transmitir no rádio. Cobrir pautas de uma forma diferente do que a mídia faz. Dialogar com a arte, com a pantomima, com o teatro etc. As possibilidades são diversas. Parece-me que o rádio livre está muito mais

presente hoje no podcast. A ideia de um conceito na cabeça e um microfone na mão renasce no podcast. Talvez essa forma de se expressar também tenha migrado para o YouTube. Antes, você não tinha a possibilidade de fazer essas experimentações devido aos limites financeiros e tecnológicos. Hoje o contexto é totalmente diferente. Portanto a ideia de fazer conteúdos com responsabilidade do jeito e na hora que você quer ganhar força. Atualmente, o sujeito possui o domínio do canal. Contudo, eu não sou partidário da ideia de colocar uma rádio no ar sem considerar que essa atitude pode interferir com transmissões de outras pessoas. É uma guerrilha boba e infantil. Mas vejo a necessidade de que se vá contra burocracias atreladas ao rádio. A tecnologia deu essa possibilidade. Em novembro de 2019, eu estive na Região Amazônica e, em uma conversa, soube que em comunidades indígenas está funcionando uma espécie de rede de áudio e de vídeo. As pessoas gravam áudios e vídeos de manifestações culturais, de momentos de extrema necessidade de organização (principalmente com essa onda de desmatamento, de destruição da

natureza e de aproveitamento de tudo e de todos conforme interesses particulares, atitudes que atingem os indígenas severamente). Por meio de grupos de WhatsApp, denúncias, informações e cultura são transmitidos entre eles próprios.

**Nair Prata:** Um dos elementos definidores das rádios livres era o não aparelhamento jurídico, ou seja, a ausência da concessão governamental. E um dos pressupostos das novas plataformas digitais é justamente o contrário disso, com a presença visceral da liberdade de expressão e também de emissão. Em consequência, é possível apontar que o conceito de rádio livre, tal qual vivenciado em meados do século 20, não pode ser aplicado às narrativas radiofônicas emitidas a partir das tecnologias emergentes.

**Felipe Parra:** Ao verificar o contexto contemporâneo, há enorme quantidade de web rádios comerciais operando no Brasil. Contudo, ao revisar os conceitos de rádios livres, é possível pensar em web rádios que se comportem como as emissoras independentes das décadas passadas?

**Luiz Artur Ferraretto:** Não conseguirei responder totalmente essa pergunta. Porém, do ponto de vista de quem

trabalha com rádios comerciais, nenhuma web rádio me chamou a atenção por ter essa profundidade, essa sustentabilidade (do ponto de vista econômico) e certo sucesso em termos de público. Hoje, eu tenho acompanhado, como disse, mais a questão dos podcasts. Devo ser franco, se precisasse investir economicamente em rádio, eu me concentraria em rádios tradicionais ou em podcasts. Se o meu foco fosse mais social do que o econômico, eu também investiria em podcast. Eu acho que a web rádio é menor nesse aspecto. As experiências que eu conheço de web rádio que tenham algum impacto, que organizam eventos e isso tem impacto com seus ouvintes são bem segmentadas. Pode ser uma rádio de rock, uma emissora que se dedique ao futebol, uma estação concentrada totalmente no carnaval etc. Soube também de uma web rádio com foco no público LGBT. Outras iniciativas estão envolvidas com comunidades indígenas. Supondo que, quando se fala de rádio livre, se remete à ideia de um movimento social refletido em uma produção de conteúdo mais colaborativa, mais horizontalizada. Eu não vejo esse efeito em sua totalidade no Brasil. Vou te dar

um exemplo. Eu jamais entrei na discussão se foi golpe ou não no caso do afastamento de Dilma Rousseff [*ex-presidente*], pois eu não tenho claro isso para mim. Acho que o PT cometeu seus erros, mas isso não significa que compactue com a ideia de ver mitos onde existem apenas pessoas com alto grau de radicalização política. Feitas essas ressalvas, eu me lembro que, quando começaram as manifestações que culminariam na saída de Rousseff da Presidência, alguns quiseram fazer rádios livres e tentaram ressuscitar a Rede da Legalidade por meio da web com alguma capilaridade em rádios comunitárias. Não teve efeito nenhum. As atividades eram muito improvisadas. Cheguei até a gravar algumas dessas transmissões, pois achei que poderia aparecer um novo fenômeno nesse cenário. Para quem estuda História da Comunicação, é importante. Eu não sinto – não tenho certeza totalmente – a presença de web rádios como as de alguns assentamentos de sem-terra, como a italiana Rádio Alice, como as rádios dos mineiros nos Andes ou como as rádios da garotada lá em Sorocaba [*nos anos 1980*]. Essa ausência ocorre no rádio comunitário e na web rádio. Não

sinto a ideia de um rádio mais livre, criativo, sem amarras. Entretanto, noto a presença dessa ideia de rádio livre em alguns podcasts

**Nair Prata:** O nascedouro da web rádio é o ambiente digital e a internet tem natureza genuinamente libertária. Desse modo, podemos afirmar que o princípio da web rádio é ser livre, entendendo esse conceito a partir de um viés jurídico. Obviamente que os detentores do poder de emitir, mesmo numa web rádio, determinam as narrativas que serão construídas pela transmissão, orientando seus discursos. Mas não é possível falar em clandestinidade ou luta pelo direito de irradiar em uma rádio nascida na internet, lugar onde as vozes são naturalmente livres.

**Felipe Parra:** Quais são os critérios para se identificar uma web rádio que funcione como uma rádio livre?

**Luiz Artur Ferraretto:** Acho que durante essa entrevista eu já elenquei alguns desses critérios. Na minha perspectiva, creio que você restringe o assunto à web rádio. Para aplicar o conceito de

rádio livre no ciberespaço é necessário primeiro definir o que é rádio livre. A meu ver, rádio livre envolve uma perspectiva mais solta, liberal, de arte. Creio que dois pesquisadores em particular têm essa perspectiva no Brasil: Lillian Zaremba e Mauro Sá Rego Costa. Nesse âmbito, vejo dois caminhos: um é a arte e o outro é a mobilização social (pode ser também a mobilização social pela arte). É um conceito amplo. Tem gente no rádio comercial que faz isso. Eu trabalharia nessa ideia e incluiria o podcast. Como disse, penso que é muito restritivo olhar somente para web rádio. Isso é somente uma forma de transmissão. É uma parte do que é o rádio online. O rádio online é muito mais amplo. Dentro dele também há os podcasts. Deixo claro aqui que, a meu ver, a produção em áudio passa por múltiplos produtores de conteúdo que vão desde os veículos tradicionais até as produções caseiras. Há também uma ressurreição de formatos. A radionovela renasceu no podcast com uma linguagem atual. O potencial do rádio é muito maior e mais importante se ampliarmos as possibilidades e não restringirmos uma pesquisa a web rádios.

**Nair Prata:** Na minha avaliação, não há critérios definidores para web rádios que funcionem como as rádios livres do século 20. Não é possível comparar emissoras de naturezas tão diversas.

---

### Sobre os entrevistados

**Luiz Artur Ferraretto** é professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre. Formou-se em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo Gráfico e Audiovisual pela mesma instituição, onde também concluiu mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Publicou diversos livros, entre os quais *Rádio – O veículo, a história e a técnica* (2000), *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais* (2002), *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20* (2007), *Rádio: teoria e prática* (2014). Concentra suas pesquisas na história e no futuro dos meios de comunicação, em especial analisando o rádio comercial. Coordena o Núcleo de Estudos de Rádio (NER) da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, integrado por pesquisadores de diversas instituições de ensino superior.

Na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), coordenou o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora (2007-2010). Como jornalista, foi repórter da Rádio Gaúcha (1986-1991) e gerente de Radiojornalismo, em Porto Alegre, do Grupo Bandeirantes de Comunicação (1994-1995). Somam-se à sua experiência profissional, ainda, trabalhos em assessoria de imprensa, jornalismo impresso e televisão. No Rio Grande do Sul, ganhou vários prêmios, como o da Associação Riograndense de Imprensa – primeiro lugar em Radiojornalismo (1994) e menção honrosa em Produção Radiofônica (1995) –, o da Brigada Militar – primeiro lugar em Rádio (1994) – e o Sebrae de Jornalismo Econômico – menção honrosa em Rádio (1995). Por sua contribuição ao jornalismo gaúcho, recebeu a Medalha Alberto André (2018), outorgada pela Associação Riograndense de Imprensa. Na internet, mantém a página [Uma História do Rádio no Rio Grande do Sul](#) dedicada à valorização da memória do meio.

Graduada em jornalismo e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), **Nair Prata Moreira Martins** é mestre em Comunicação

pela Universidade São Marcos/SP. Realizou o pós-doutorado em Comunicação na Universidade de Navarra (Espanha) e trabalhou durante 18 anos em emissoras de rádio, com destaque para tradicional rádio Itatiaia/MG.

No mestrado, ganhou o Prêmio Intercom 2001 de Melhor Dissertação de Mestrado do Ano – Categoria Rádio e TV, com o trabalho *A fidelidade do ouvinte de rádio: um estudo dos principais fatores determinantes da audiência fiel*. No doutorado, realizou estágio na Universidade do Minho, em Portugal, com bolsa de estudos da Capes e desenvolveu tese sobre o tema *Webradio: novos gêneros, novas formas de interação*.

Atualmente, é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e diretora científica da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Coordenou o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom por dois mandatos (2011-2014), foi diretora Regional

Sudeste da Intercom (2014-2017) e vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (2015-2019). Atua como sócia da Intercom (Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora), da SBP|Jor (Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo) e da Red Internacional de Historiógrafos de la Comunicación.

Tem diversos livros publicados, como *Webradio – Novos gêneros, novas formas de interação* (2012), *O rádio entre as montanhas – Histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira* e a coletânea *Panorama do rádio no Brasil* (2010), entre outros. Além disso, escreve artigos sobre rádio, radiojornalismo e novas tecnologias em rádio. A pesquisadora também conquistou o Prêmio Luiz Beltrão 2013 na categoria Liderança Emergente.

---

**>> Como citar este texto:**

PARRA, F.; MALULY, L. V. B. Rádios livres e web rádios – As perspectivas teóricas de Luiz Artur Ferraretto e Nair Prata sobre a linguagem radiofônica na contemporaneidade. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 03, p. 205-214, set./dez. 2020.

## Referências

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: ULBRA, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: ULBRA, 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

GOMES, Arildo. Entrevista com o professor Luiz Artur Ferraretto. **Blog Comunicação Social RS**, Rio Grande do Sul, 21 mar. 2015. Disponível em: <<https://comsocialrs.wordpress.com/2015/03/21/entrevista-com-o-professor-luiz-artur-ferraretto/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Como jovens jornalistas ouvem rádio. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (Orgs.). **E o rádio?** Novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 197-204.

KUHN, Fernando. **O rádio entre o local e o global: fluxo, contrafluxo e identidade cultural na internet**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

MARTINEZ-COSTA, Maria Del Pilar; PRATA, Nair. The radio in search of its audience: towards a diversified and multiplatform listening. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)**. São Paulo, v. 40, n. 3, p. 109-127, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2803/2108>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. 2008. 380 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2008. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DDJD8/1/nair\\_prata\\_tese.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DDJD8/1/nair_prata_tese.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos na radiofonia mineira**. Belo Horizonte: Fundac, 2010.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2012.

PINHEIRO, Gabriela. De jornalista a professor: Nair Prata. #tecer: reportagem e entrevista | UFOP. 2013. Disponível em: <[https://www.jornalismo.ufop.br/tecer/?page\\_id=587](https://www.jornalismo.ufop.br/tecer/?page_id=587)>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SANTORO, Luiz Fernando. Relatos sobre rádios livres e comunitárias na Europa e no Brasil por Luiz Fernando Santoro. [Entrevista concedida a] Felipe Parra. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 54-65, 2018. Disponível em:

<<http://www.periodicos.usp.br/alterjor/article/view/147538/0>>. Acesso em: 10/08/2018.

TORRES, César Augusto Bernal. **Metodología de la investigación**: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales. Bogotá: Pearson Educación, 2006.